

91 771 661 95
Kafka 16 JUL 1995

A canoa usada para retirar o lixo e vigiar os cisnes e marrecos do lago que cerca o Congresso foi roubada no ano passado. Para substituí-la, a Câmara comprou um barquinho de pesca para cuidar do espelho d'água de 200 metros quadrados com 40 cm de profundidade.

Esta semana, a Diretoria do Patrimônio da Casa recebeu extenso formulário da Capitania dos Portos de Brasília (!) solicitando registro e nome da *embarcação miúda*. Tudo por força de um decreto de 1982 que regulamenta o tráfego marítimo. Sorte que se trate de bote sem motor, senão teria sido exigida carteira de habilitação do prestador de ser-

viços Raimundo Vieira da Silva, que o comanda há uma semana.

Há mais: se fosse um caiaque ou um pedalinho, o registro seria dispensado. Mas como o barco é a remo, a formalidade é imprescindível. Um deputado propôs com um sorriso uma sessão *secretaria* da Câmara para escolher nome apropriado à embarcação. Foram cogitados os de Almirante Serra e S.S Luís Eduardo, sem falar no menos criativo *Barão de Teffé*.

O episódio é cômico. Mas, passado o riso, verifica-se que ele exprime a quintessência do espírito burocrático brasileiro. A burocratização é fenômeno que traduz degeneração da função do aparelho burocrático, caracterizado em sua forma ideal pela racionalidade e im-

pessoalidade de comando. Em sua versão perversa, a adesão obsessiva a normas e regulamentos se torna irracional e despersonalizada.

Burocratização, segundo o *Dicionário de Política* de Norberto Bobbio, significa “proliferação de organismos sem conexão com as exigências gerais da funcionalidade, acentuação dos aspectos formais e processuais sobre os aspectos substanciais, com a consequente morosidade das atividades e redução das tarefas desempenhadas, sobrevivência e elefantíase de organismos que não desempenham mais função efetiva e triunfo da organização sobre suas finalidades”.

Kafka faria maravilhas com o barquinho do lago do Congresso.